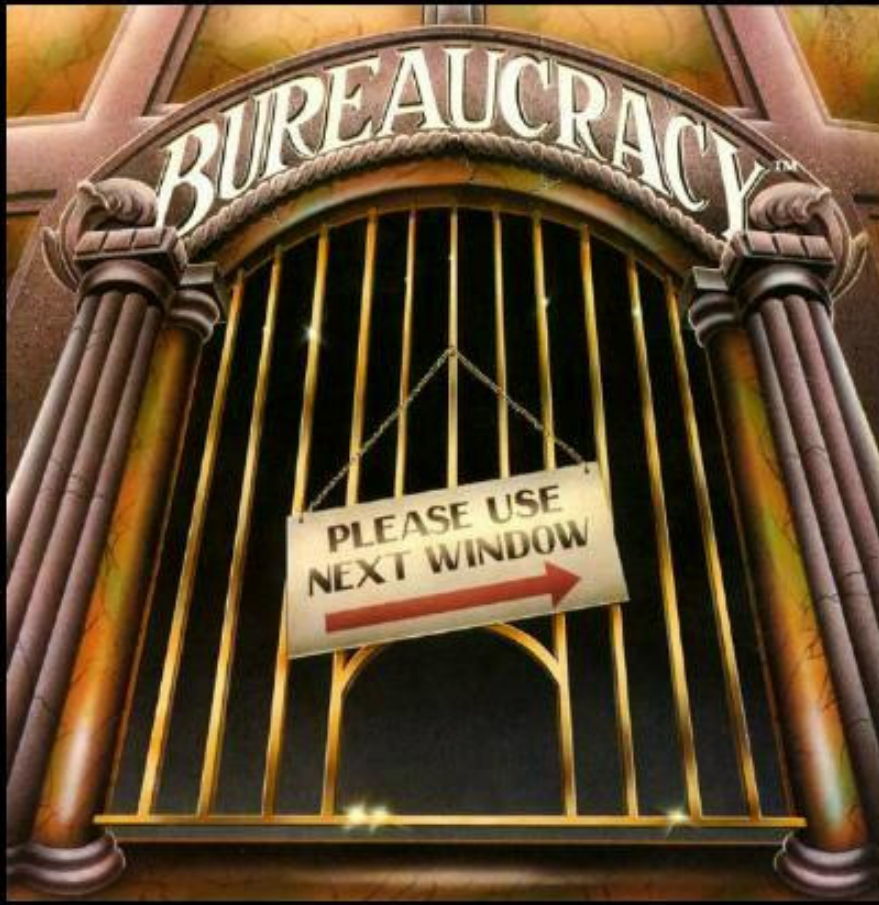


Levi Bucalem Ferrari
**BUROCRATAS
&
BUROCRACIAS**



www.eBooksBrasil.org

Burocratas & Burocracias
Levi Bucalem Ferrari

Versão para eBook
eBooksBrasil

Fonte Digital
Digitalização do livro em papel
Editora Semente, São Paulo, 1981

Capa: Bureaucracy.

Bureaucracy é um jogo interativo de computador lançado pela Infocom em 1987. Foi escrito pelo popular autor de ficção científica Douglas Noel Adams (1952-2001) a partir de uma experiência muito real. Mais sobre o autor e o jogo em www.douglasadams.com

© 2006 — Levi Bucalem Ferrari

ÍNDICE

Agradecimentos: 6

Prefácio — Bolívar Lamounier: 9

Apresentação: 15

Primeira Parte. Burocratas: 23

Capítulo I: O Funcionário na Organização: O ingresso:
24

1. Segurança no Emprego: 26

2. Peculiaridades do Recrutamento e Seleção: 32

3. Outros Aspectos de Atração do Emprego Público:
35

4. Conclusões: 37

**Capítulo II: O Funcionário na Organização: Convivendo
com a Disfunção: 40**

1. Ausência de Mobilidade: 42

2. Política Salarial e de Benefícios: 49

3. Burocracia e Insuficiência de Recursos: 57

4. Conclusões: 61

Capítulo III: Insatisfação e Conflito: 64

1. A Imagem da Instituição: 64

2. Imagem e Auto-Imagem do Funcionário: 68

3. A Permanência Forçada: 69

4. Conflito: 75

Capítulo IV: O Funcionário Público e o Privado: 81

Segunda Parte. Burocracias: 89

Capítulo V: Burocracia e Comportamento: 90

1. Acepções do Termo Burocrático: 90

2. A Burocracia Racional: 92

3. Disfunção da Burocracia: 100

4. Comportamento Organizacional: 106

5. Relações de Poder na Organização: 115

6. Conclusões:	123
Capítulo VI: Burocracia e Burocracia:	132
1. A Burocracia Pública e a Privada:	132
2. A Burocracia Patrimonial Antiga:	135
3. Feudalismo e Patrimonialismo Moderno:	142
4. As Duas Burocracias de Estado na Europa e a Nova Burocracia Privada:	149
Capítulo VII: Burocracias na Experiência Brasileira e Paulista:	159
1. A Herança Colonial:	159
2. Configuração no Império:	163
3. A Descentralização Republicana:	168
4. A Configuração Definitiva:	172
5. São Paulo: Do Isolamento à Aspiração Hegemônica:	182
6. São Paulo: Diferenciação Estrutural e Alternativas de Participação Política:	192
Capítulo VIII: A Administração Isolada:	200
1. A Convivência das Duas Burocracias em São Paulo:	200
2. O Quadro de Isolamento:	207
3. Desintrodução ou Relevâncias Tardias:	211
4. Em Busca da Luz no Fim do Túnel:	216
Bibliografia Citada:	220
Notas:	228
O Autor:	231

À Lily, professora primária.

AGRADECIMENTOS

Somente o estímulo e a colaboração de algumas pessoas e instituições, em diferentes aspectos, tornou possível a realização deste trabalho. Eis alguns exemplos:

Fernando deu o tom e participou das decisões relativas à pesquisa primitiva. Laís e Gigi “mal secreto”, além disso, e da amizade, participaram das pesquisas e redigiram comigo a segunda interpretação dos dados. Rosa, Marisa e Nelson, da Axioma, foram os responsáveis pela montagem e coordenação dos grupos e pela primeira interpretação. A Fundação do Desenvolvimento Administrativo — FUNDAP — através de seu Presidente, Pedro Celidonio, ofereceu as condições para a consecução do trabalho em todas as fases. Bolívar Lamounier demonstrou, além da habitual competência, ser o orientador seguro e flexível. Eduardo Kugelmas, Sérgio Cavalcante, Drago, Felicíssimo e Bilotta contribuíram com observações que levaram ao aperfeiçoamento do texto. Ou seja, qualquer coisa, a culpa também é deles. A revisão do vernáculo ficou por conta de Dirce Lorimier, que

não deve ser responsabilizada pelos erros que cometi posteriormente.

Mas, tudo isto não bastava. Outro tipo de apoio foi necessário:

Carmem Junqueira deu broncas e incentivos, ambos com eficiência. Quanto aos incentivos, fui ajudado por muitos: Carmute, Fred “seriedade/sisudez”, Téo “pelo passado e pelo futuro”, Humberto “das meninas do PT” Lago, Dada, Teca, Regina e Martha.

Ah! o Buck me trouxe de volta aos estudos e à convivência com toda essa gente... Outros garantiram a infra-estrutura eficiente, como Lilian, Dorothy, Márcia, Aparecido e seus asseclas, e Adyr e seu séquito de belezas puras “...meus olhos, porém, não perguntam nada”.

Ainda, há pessoas que ajudam até pelo simples fato de saberem coexistir com sabedoria: Quartim boa gente, Luís da Libido, Eugênio Carlos, o incorruptível cavaleiro de la Mancha, Walter Bonini, Tomas, Airton Brock, Magda, Paulo Eduardo, Bacchetto, Christina e o poeta Reinaldo, claro.

Numa outra, há uma história mais remota, e tão próxima, das coisas que determinam o caráter. Guido e Chaim, meus maiores, me ensinaram

tantas... assim como Rosa, Ângelo e Martha. E, mais recentemente, Dona Yoshie e Sr. Kusano.

Sem falar no outro lado, o negativo: as coisas como estão e estiveram esse tempo todo, o Getúlio Vargas, o Golbery, o Delfim, D. Pedro II e Pedro Álvares Cabral, que inventou tudo isso. Mas, principalmente, as mulheres que me disseram não.

O antídoto tem sido o que está lindamente presente em Carlos, Paulo, Leonice e Helena que ensinam, perguntando:

“Por que perder-se na miragem do longe e do depois quando algo sopra infinito no perto e arde em silêncio no agora?”

Mais do que todos, Akemi, naturalmente.

PREFÁCIO

À primeira vista, pelo menos, o estudo do chamado “fenômeno burocrático” tem uma importante tradição na Ciência Política brasileira. Nas reflexões sobre a formação histórica do Estado brasileiro, pode-se mesmo dizer que é uma constante. Grande parte da discussão gira em torno do poder inibidor que, há quase cinco séculos, a burocracia patrimonial estaria exercendo sobre as raízes democráticas também existentes em nossa formação social. Deste contraste entre o Estado (burocrático, centralizado, autoritário) e a Sociedade (dispersa, disforme, anárquica, eventualmente democrática) não há como fugir. Alguns, como Raymundo Faoro (*Os Donos do Poder*, 1958) viram a formação da burocracia brasileira como um verdadeiro transplante, ou seja, como um galho inteiro que aqui se implantou desde o descobrimento, com suas idiossincrasias e seu *modus operandi* já plenamente configurados. Outros, como Azevedo Amaral (*A Aventura Política do Brasil*, 1935), ao contrário, vêem na vinda da Corte, em 1808, o momento nefasto que liquidou, talvez definitivamente, nossas veleidades de

progresso e autonomia, na exata medida do novo alento que proporcionou à burocracia colonial, cujas tendências fiscalistas e clientelistas já não se sustentavam frente ao dinamismo social.

Mas o relevo dado em nossa historiografia à burocracia e à centralização pode levar a conclusões equivocadas no que se refere à situação corrente das pesquisas sobre o tema. Poder-se-ia inclusive perguntar se a amplitude das teses clássicas não terá exercido um efeito inibidor sobre as atuais gerações universitárias. Obras de grande porte, como as de Faoro e de Azevedo Amaral, sem dúvida estimulam o gosto pelas grandes sínteses históricas, mas não necessariamente o apetite pela pesquisa. E se essa passividade diante de construções portentosas é um mal, muito piores são os efeitos da reverência frente à nova escolástica que se vem propagando nas ciências sociais. Para esta, a chamada “questão do Estado” não raro se exaure num debate abstrato, que, ao ver dos novos escolásticos, pode e deve ser travado sem qualquer referência a dados concretos. O máximo que se admite, nesta ótica, são alusões um tanto reiterativas aos “aparatos” repressivos e ideológicos e à sua função de “reproduzir” um esquema institucional cujo funcionamento se dá de antemão como conhecido. Tal como acontece em algumas abordagens que se pretendem históricas, também aqui a burocracia é vista

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

